

# O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DE ACAMPADA PARA ASSENTADA<sup>1</sup>

## THE TRANSITION OF CAMPING TO SEATED

Francieli do Rocio de Campos<sup>2</sup>

### 1. RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar a participação da mulher no espaço do acampamento, sua contribuição na consolidação e manutenção do Assentamento rural 8 de Junho, localizado em Laranjeiras do Sul – PR. O trabalho pretende fazer a reconstituição histórica do acampamento e assentamento na ótica das relações de gênero, partindo de relatos do cotidiano das famílias. Ao examinar tal processo os resultados apontaram incipiente empoderamento da mulher em consequência o desempoderamento masculino, decorrente dos processos sociais e políticos vividos por grande parte das famílias no período do acampamento, e sua inserção nas atividades extra-propriedade. Dessa forma, as mulheres de modo ínfimo têm assumido o poder na propriedade ou dividindo-o com o parceiro e filhos.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento rural. Relações de gênero. Novo rural.

### 2. ABSCTRAT

The objective of this study is to report the participation of women within the camp, their contribution in the consolidation and maintenance of rural Nesting June 8, located in Laranjeiras do Sul - PR. The work aims to historical reenactment camp and settlement in the perspective of gender relations, from reports of everyday families. By examining this process the results showed incipient women's empowerment in consequence male disempowerment, due to the social and political experienced by most

---

<sup>1</sup> O artigo é parte da Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

<sup>2</sup> Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Professora do curso de Economia Doméstica. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, PR, Brasil. E-mail: frandecampos@yahoo.com.br

families during the camp processes, and their involvement in extra-owned. Thus, women have assumed negligible mode power in dividing the property or with their partner and children.

**Keywords:** Rural development. Gender relations. New rural.

### **3. INTRODUÇÃO**

A proposta central deste trabalho é relatar a participação da mulher no espaço do acampamento, e sua contribuição na consolidação e manutenção do Assentamento 8 de Junho localizado em Laranjeiras do Sul – PR.

O conhecimento sobre o cotidiano e a história do assentamento envolve a convivência de mulheres e homens, numa importante conquista social no acampamento e assentamento. No período de acampamento foram despendidos esforços para manter o modelo patriarcal de família, o qual sofreu modificações com a conquista do lote. Os efeitos repercutiram nas funções dos membros das famílias no espaço reprodutivo, e no espaço produtivo do assentamento.

Ellis (1999) denota o estímulo para mulheres conquistarem o poder de decisão em todas as esferas participativas, e ao homem o desempoderamento na pré-determinada hierarquia de afazeres e funções, ou controle administrativo e do regimento do lote. Desta forma, pode se conduzir as relações sociais no assentamento para um padrão mais igualitário entre assentadas e assentados. De acordo com Martinez (2010) se baseia em recursos ou formas produtivas executadas e provenientes da disposição das famílias.

A literatura relacionada a mulheres e homens evoluiu nos estudos de gênero e o desenvolvimento das comunidades rurais. De tal modo, este estudo procura resgatar num olhar empírico e teórico das estratégias articuladas para as famílias do Assentamento 8 de Junho. Neste universo de continuo processo de transformação pessoal, social, político, histórico e cultural dos estabelecimentos rurais se encontram famílias que estão contribuindo para problematizar as relações de gênero.

#### **4. METODOLOGIA**

A unidade de análise desta pesquisa foram 20 famílias<sup>3</sup> pertencentes ao Assentamento 8 de Junho. Sendo famílias que seguem os padrões tradicionais - mãe, pai e filhos, resultando numa amostra total de 66 moradores dividido em crianças, jovens e adultos do sexo feminino e masculino. Essa amostragem foi escolhida por disponibilidade e indicações das lideranças, para participar das entrevistas realizadas no local de sua propriedade, obtendo aproximadamente 30% da amostra dos selecionados, por isso, o plano amostral não foi aleatório.

A rigor dos estudos exploratórios e qualitativos, o levantamento dos dados/informações foi realizado por acessibilidade às fontes (pessoas entrevistadas), desta forma, sendo destituída de método estatístico, foram selecionados os possíveis elementos que se teve acesso, admitindo que possam representar o tema pesquisado. Assim foram aplicados questionários estruturados, a fim de obter informações e dados quantitativos e qualitativos sobre o perfil das famílias e sua propriedade. E com a ajuda da entrevista semi-estruturada foi realizada a coleta de informações, conhecimento e dados para pesquisa descritiva.

No estudo consta a percepção das famílias assentadas sobre as atividades que desenvolve na esfera doméstica, na propriedade e na diversificação de atividades produtivas, contando a contribuição na sua qualidade de vida, e os efeitos de sua função na estrutura da família. Visto que, as percepções sobre os questionamentos privilegiam o olhar das mulheres, isto estará claro ao longo do texto. Além disso, será analisado exclusivamente o relato das experiências das mulheres em relação ao trabalho “extra-propriedade”, bem como sua adequação aos afazeres domésticos, e os vínculos que a renda lhe proporciona.

#### **5. O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DE ACAMPADA PARA ASSENTADA**

##### **5.1 O processo do acampamento**

---

<sup>3</sup> No total são 73 famílias que residem no Assentamento rural 8 de Junho.

Esta pesquisa reconstitui a história narrada pelas personagens envolvidas no acampamento (Assentamento 8 de Junho). A qual considerou este período como momento de aprendizagem por intermédio das situações cotidianas, das relações com entidades, das relações com vizinhos, dos diversos embates, e dos desdobramentos pela atuação de mulheres e homens nas dimensões do acampamento.

O acampamento serviu de refugio para pessoas consideradas parceiros, ou proprietários, ou ainda arrendatários de terras. Os quais chegaram até este local por mediação de parentes ou conhecidos, ou atraídos pela facilidade em adquirir um lote, ou ainda pela proximidade de residir da área ocupada ou da região.

As primarias mudanças acontecem na atuação familiar e no local de partida para o acampamento. Para as mulheres, homens e famílias que vieram para a ocupação da fazenda, mostraram que as relações de casais ou pais e filhos foram abalados pela separação, pois mulheres viveram longe de seus parceiros, filhos cresceram longe de seus pais. Como se observou nas entrevistas foi poucos indivíduos que acamparam em família, e os que não ocorreram dessa forma, os cônjuges/pais vieram sozinhos para acampar na beira da rodovia. Por causa do tempo indeterminado para a aquisição de uma precária estrutura de um barraco, e devido à obrigação de atender as necessidades familiares, posteriormente as mulheres e os filhos vinham se juntar ao seu parceiro/pai embaixo da lona.

Este procedimento associado com o processo de se desfazer das benfeitorias já instaladas no seu local de origem era feito com muita dificuldade material e emocional. Como pode ser visto no depoimento de uma entrevistada: “[...] *por causa que, a gente sempre precisa de um pedaço de terra, daí meu marido veio pra BR e eu fiquei lá com as crianças com um pedaço de terra que a gente tinha, daí ele veio e depois eu vim porque era um corre pra lá que a gente não era acostumado separado (M. 04 entrevista 2010)*”. A superação desse momento devia-se a más condições financeiras para investir numa propriedade agrícola. Como grande parte das famílias não era dono da terra onde morava, ou dividia-o com a família passavam por dificuldades para seu auto sustento.

Quando as mulheres decidiram assumir a condição de acampada eis que a desconhecida área ocupada causou impacto na chegada ao acampamento,

[...] Eu me lembro até hoje quando era pra vir pra cá, não sabia como era o barraco, aí ta chegamo era um dia bem chuvoso, assim olhei a todos aqueles barracos assim grudadinho noutra cheio de pau em cima pra segura a lona por causa do vento. Aí cheguei no barraco nosso, onde o pai tava, tinha um borraio<sup>4</sup> que era de fogão feito no chão bem baixinho, o chão cheio de valeta por causa da chuva [...] (M. 15 entrevista 2010).

As dificuldades financeiras ainda permaneceram no período de acampamento, por falta de alternativas produtivas que dessem conta do sustento da família, e tendo que se sujeitar a recorrer a parentes ou pessoas próximas,

[...] porque teve épocas tristes assim, por causa da questão financeira, que a gente nem tinha onde ir trabalhar, porque [...] começou contribuir na direção do acampamento, daí não tinha como você trabalha fora, daí dependia de ajuda que vinha da família, as vezes vinha um pouco, as vezes não vinha [...] (M. 08 entrevista 2010).

As tarefas domésticas também não eram favorecidas pela estrutura do barraco, que era apenas utilizado como espaço para guardar alguns móveis, realizar as refeições, refúgio das intempéries climáticas e abrigo para dormir. Por isso, o simples ato de lavar roupa foi considerado um percalço na vida cotidiana das acampadas,

[...] O medo, perigo de casa, dificuldade de lava roupa, tinha que enfrenta fila pra lava roupa, lá pra baixo [...] só sei que tinha um monte de tanque, tinha que ir e daí tinha que enfrenta uma fila, espera e daí lavar roupas, as vezes levava as crianças junto, daí deixava roupa guardando lugar, daí voltava, que as vezes tinha que arruma almoço daí voltava (M. 06, entrevista 2010).

Tais situações foram amenizadas pelas reuniões e trabalho de grupos, considerado as soluções encontradas pelas mulheres para persistir na condição de acampada,

[...] Nesse tempo a gente tava acampado a experiência boa que a gente tem do relato é desse trabalho de formação que a gente tinha né! Que a gente se reunia no grupo de mulher, tinha grupo de mulher a gente se reunia não só pra reuniãozinha, a gente fazia artesanato, ao mesmo tempo falava sobre saúde, sobre família e organização e coisas que assim a gente foi cada vez mais pegando gosto. Que não deixava também nós desanimasse, que não ficava só dentro do barraco, porque a partir do momento que a gente só ficasse dentro daquele barraco nós não ia ter resistência pra agüentar (M. 08, entrevista 2010).

---

<sup>4</sup> O borralho como acima citado é a maneira como os assentados esquentavam seus alimentos, ou seja, um conjunto de brasas acesas e cobertas de cinza.

Este modo de organização no acampamento se tornou uma estratégia aplicada pelos líderes do movimento para elevar unicidade, proveniente do trabalho coletivo dos acampados por meio da colaboração e cooperação da comunidade. Nos meios e momentos de lazer se torna visível a organização do grupo acampado,

[...] tipo nas festas que nem de Natal, que tem na época passava bastante dificuldade, que é claro nem a gente era pobre não tinha muito, mas tinha gente mais necessitada, e a gente tinha e levava de casa, fizemo bolo, uma festa que todo Natal tem festa, é no Natal, Dia das Crianças, Dia dos Pais, Dia das Mães, virou tradição a partir daquele momento, foi feito virou tradição a festinha, sempre feito né (M. 06 entrevista 2010).

A vida cotidiana no acampamento passa ser entendido como um momento de abertura para um coletivo entre as famílias. Sob a consciência de sua importância para a estruturação do acampamento, na produção doméstica e seu suporte emocional,

As mulheres sempre tiveram presente desde início do acampamento e fez diferença, as mulheres com as crianças porque fica mais impactante acho que isso, se tivesse só homem no acampamento seria bem diferente e a presença das mulheres e das crianças dá diferença. E a organização que elas tinham também porque sempre faziam artesanato principalmente pra aquelas famílias que tinham mais dificuldade, no inverno faziam bastante crochê né, cobertor de lã, essas coisas assim (M. 17, entrevista 2010).

De tal modo, a relação pessoal e familiar se entrecruza com a relação de outros membros acampados, por parecer à única maneira de lutar, permanecer com seus objetivos, e contribuir para organização do acampamento. As mulheres ao relatar a vivência no acampamento mostram as complexidades do processo social, de acordo com as características e detalhes peculiares no segmento da organização do caráter coletivo. A condição coletiva de trabalho permaneceu para sustentar e atender as necessidades básicas, baseada na origem dos acampados, composição familiar, anseios, valores, projetos de vida, medos e ilusões que se propagaram no cotidiano do acampamento,

[...] posso me lembrar mais do “cultivão” que homem e mulher tudo trabalharam junto. Esse “cultivão” que foi plantado feijão, a primeira safra de milho, arroz foi plantado, mandioca, ali foi o primeiro momento. E depois que foi colhido cada um ganhou sua parte tudo igual, tudo em igualdade. Foi a primeira e a melhor porque a gente não tinha onde plantar, onde cultivar. Foi feito tudo grande né, nós trabalhava tudo junto. Foi porque a gente se reuniu tudo e daí mulher, homem tudo trabalhando, as crianças pro lado brincando, outras crianças estudando, isso foi bom quando havia carpia, era plantado, limpava, plantava cada um tinha uma máquina, uma enxada, daí

fazia os planos que tal um dia ter esse pedaço pra mim (M. 04, entrevista 2010).

Para Magalhães (2009), as relações sociais são a base para a formação, acesso e controle de recursos, de acordo com a inserção do ator na sociedade, ou destino do trabalho. Oliveira (2006, p.36) complementa que as contribuições das famílias integrantes da comunidade rural foram “movidos pelo fato de não ter nada e precisar de terra para morar e trabalhar [...]”.

Essa é uma situação pertinente no acampamento em que as mulheres e os homens trabalhando juntos se tornam um evento possível nos momentos de crise, e mostra que o papel dos sexos não era algo delimitado, mas, sim se apresentava embaralhado. Da mesma forma, os padrões patriarcais não foram completamente abandonados, mas suspensos em algumas partes consecutivas no processo de organização social,

[...] os homens trabalhavam coletivo, sabe se eles se uniam iam lá e trabalhavam, eles plantavam, fazia roça, plantavam milho, feijão iam lá trabalhavam. E as mulheres sempre tinham aquelas baguncinhas delas, se reuniam, fazia alguma coisa da Pastoral, outras faziam acolchoado, outras discutiam alguma coisa, sempre tinha as mulheres reunidas (M. 07, entrevista 2010).

Essas relações tecidas são efeito dos atritos e das articulações dos atores sociais, que resultaram no aprimoramento das relações de gênero e nas ações coletivas. Tais indicadores se tornaram determinantes na organização inicial do acampamento e na consolidação do assentamento. Por isso, durante o período de transição de acampamento para assentamento, o momento de acampar representou muito mais que um tempo de espera se torna também um processo de socialização,

Teve bastante no começo depois foi mudando mais ainda tem até hoje não vou dizer que não tem porque tem. Aquelas que não participam, principalmente de mulheres [...] que vem de mulher, porque se vem de homem a gente entende a gente sabe que o medo deles é perde o comando, parece que é vergonha ter uma mulher [...] mas tem mulher também preconceituosa, dessas mulheres consegui trazer, mas têm algumas que não né, convive em casa, muito ruim a gente percebe essas famílias que os filhos daí a gente vê tão claro, tão claro, e tem até hoje, não adianta dizer que não tem e dos homens o medo de perder o poder (M. 11, entrevista 2010).

Para na conquista do assentamento ocorrer a re-socialização dos atores devido à ruptura de referências culturais, valores e normas, sobretudo, determinar padrões de convivência,

Pra mim melhorou bastante, assim porque a gente conhece e a gente convive com bastante pessoas, sai, visita bastante lugar, que eu antes de vir memo pro acampamento, o meu era cuida da casa, ir na roça e cuida dos filhos. Participa de encontro de mulher nunca tinha participado, sair, ficar dois ou três dias fora de casa nem imaginava, nem em sonho que isso um dia ia acontecer comigo (M. 10, entrevista 2010).

Então quando a área ocupada evoluiu para assentamento, se deu novo passo em conquista do que pertencia às famílias, isto é, outra ruptura e ao mesmo tempo continuidade do passado para seguir com projetos pessoais, familiares e coletivos na perspectiva de superar os próximos desafios. Na jornada que mulheres, junto com homens, jovens e crianças enfrentaram durante o período de acampamento refletiram de ações realizadas na organização coletiva, e contribuíram para superar problemas no âmbito organizacional e de produção, por meio do companheirismo e solidariedade. Isso garantiu a consolidação do Assentamento 8 de Junho e a permanência de atores rurais no campo.

## **5.2 As assentadas e os assentados: relação social e política**

As ações das mulheres no Assentamento 8 de Junho contribuíram em organizações na ordem social e política. O que consisti nas expressões de situações específica do cotidiano, com o objetivo de se tornarem atores ativos. Como mostra uma assentada quando denota o olhar claro e particular sobre a diferença da vivência na área rural e na área urbana,

[...] eu sempre digo se um dia tiver que mora na cidade só se for castigo né, porque a qualidade de vida como a gente pobre ou menos favorecido ou se sente bem mais favorecido por estar na agricultura, na cidade a gente sabe que vai perder os valores, o sentido da liberdade (M. 11, entrevista 2010).

Na ordem social se percebe que a convivência das famílias no assentamento ocorre no dia-a-dia, nos ambientes de trabalho, na propriedade, e as horas vagas são aproveitadas para visitar os vizinhos. A aproximação dos lotes torna favorável está

relação, estes fortes laços desdenhados com a vizinhança resistem desde período da ocupação da terra, e mantido pela necessidade de divisão ou empréstimo de materiais, insumos e equipamentos. Como Fernandes (1999) reforça que a proximidades entre os membros assentados garante que ao mesmo tempo se elimina o distanciamento e o isolamento das famílias, como uma condição necessária para a construção do desenvolvimento rural e da resistência em permanecer na localidade rural.

A socialização das famílias com toda comunidade incide em atividades religiosas, atividades que promovam lazer e em ambientes que se destinam a atividades coletivas, essas se vinculam ao desenvolvimento rural, ao mesmo tempo se tornam influenciadores das relações de gênero. Dentro das convenções tradicionais de divisão sexual do espaço público, as mulheres estão aumentando gradativamente sua participação por meio do trabalho na organização e função dos eventos comunitários e nas atividades não-agrícolas no meio rural, como é o caso da padaria comunitária.

Conforme as informações coletadas durante a pesquisa foi possível observar que a participação social no Assentamento 8 de Junho apresenta heterogeneidades entre mulheres e homens, isso demonstra que elas não possuem participação social inferior a eles. No entanto, esta comunidade se representa figuramente por ambos os sexos, estando organizada pelo e para o homem. Pois o contingente social referente às relações de gênero se ajusta de recursos materiais, participação na tomada de decisão, representação dos atores na política e diante da comunidade. Nos detalhes narrados pela entrevistada que relata o aproveitamento que encontrou no espaço público do assentamento,

[...] então quando cheguei aqui, daí já tinha saído, já digo, as terras pro povo, o assentamento mesmo. Também nos temos esse trabalho ali também, um trabalho muito bom aonde que foi uma coisa que ajudou bastante a gente porque que nem você vê pra gente, já digo se fosse pra gente trabalha a lá fora na cidade era bem mais difícil né! Assim você vê com um serviço desses aqui foi uma benção, porque a gente ta ai tudo junto trabalhando. Já digo, assim já tava organizado, porque você vê tudo mundo já tinha ganhado as terra, já tava todo mundo colocado. Porque a gente sabe como foi a luta do povo ai né, pra hoje em dia ta na altura que tão (M.02, entrevista 2010).

Mas as mulheres ainda sofrem pela subordinação, o entanto, optaram por omitir as adversidades, aparentemente justificandno a significativa participação em atividades

ligadas ao espaço público do assentamento. Para Brumer; Anjos (2008) o sinal de autonomia significa encaminhamento social,

O pessoal que me conheceu antes de vir pro acampamento que a gente participava do sindicato, igreja, daí tinha as irmãs, os padres mesmo que me incentivavam na época, mas mudou pra melhor, que antes eu quase não conversava quase tudo tinha que olhar pro marido ou pra alguém pra responde com sentido, depois que viemos acampar então no movimento, imagina quem saia pros encontros era eu (M. 11, entrevista 2010).

Segundo Carneiro (1994), um meio de inclusão social da mulher acontece por meio de sua inserção nas instâncias públicas do assentamento. Oliveira (2006), a mulher ao desempenhar sua condição pública delibera sua capacidade de analisar, organizar e mobilizar a favor da mudança social. Na visão de Abramovay (2002), se torna possível estabelecer relações entre assentadas e assentados organizados num regime de normas, valores e restrições constituindo em recursos que atenda a um ou mais atores. Sendo assim, o aproveitamento dessa organização proporciona ampliar as oportunidades de escolha no espaço rural.

Na ordem política, as relações são fortalecidas pela parceria com diversas entidades externas ao assentamento, devido ao processo de acampamento, e do modo coletivo como se rege o trabalho, de resolver problemas e divisão de tarefas no assentamento. A dinâmica política interna do assentamento segue com atividades, assembléias e reuniões para discutir os encaminhamentos cotidianos do assentamento. Atualmente, procuram desenvolver projetos, com o intuito de buscar alternativas para que as famílias possam sobreviver de sua propriedade e no ambiente do assentamento. Com enfoque no trabalho e produção rural, sem que haja necessidade de sair da comunidade em busca de outras fontes de renda.

Ao destacar os agentes políticos no assentamento se define socialmente as funções de mulheres e homens. Desse ponto de vista, o assentamento funciona por meio de decisões coletivas levantadas no planejamento, privilegiando o fortalecimento do capital social, exigindo que seja interligado por relações de serviços, organizações sociais, abertura para iniciativas e participação de mulheres e homens. Porém se verifica que a participação do sexo feminino, em alguns casos ocorre na ausência ou na impossibilidade do sexo masculino contribuir no planejamento devido à sobrecarga de atividades,

[...] não sou, tipo ele vem direto, ele participa das reuniões, tipo meu marido trabalha semana inteira, então pra ele não sobra tempo né, mais fica em casa a noite, mais sou eu que estou por dentro das coisas, paro aqui meu direto (M. 05, entrevista 2010).

No entanto, a importância do crescimento do empoderamento da mulher nesse âmbito serve de controle nas decisões no ambiente em que se vive, depende em que trabalha, e ao mesmo tempo se torna um entrave para questão da distribuição do poder entre casais. Numa pesquisa realizada por Paulilo (2004), encontra-se uma explicação plausível para o que pode estar acontecendo no Assentamento 8 de Junho. A autora observou quando o espaço de reuniões se divide por mulheres e homens, elas se sentem inibidas e quando possuem oportunidades de falar, algumas vezes não são ouvidas e sofrem com constantes ironias partindo do sexo oposto.

E apostando no planejamento se rompe as relações verticais no assentamento, ou seja, sua abordagem se faz eficiente na ruptura do poder concentrado nas mãos de poucos. Por um lado, a formação de grupos pode ser uma maneira de garantir o grau de qualidade das decisões quando se trabalha todo o grupo de assentados. Por outro lado, quando atende as necessidades pessoais de um grupo seletivo de atores, tende a bloquear a união. O que pode estar sendo motivado no Assentamento 8 de Junho<sup>5</sup>, pois durante a pesquisa se observou divisão de grupos internos e interesses por parte de distintos membros assentados, até mesmo pelo poder de barganha para favorecer famílias ou membros.

É de suma importância relatar que o empoderamento feminino no espaço público é considerado de pequeno contingente, devido o número reduzido de participantes do sexo feminino, e isto tem feito a diferença no planejamento e nas intervenções políticas do assentamento. E por fim, como o assentamento possibilitou conquistar estruturas favoráveis a projetos organizados para dar continuidade ao desenvolvimento rural da comunidade.

### **5.3 Caracterização das atividades reprodutivas e produtivas das famílias**

---

<sup>5</sup> Não se tem argumentos comprobatórios, isso está sendo elucidados como hipótese.

Na construção da caracterização das atividades produtivas e reprodutivas do Assentamento 8 de Junho se observou que as funções de mulheres e homens sustentam atividades complementares. As mulheres ajudam ou se responsabilizam pelo cultivo dos produtos temporários, sua principal função se detém pela reprodução social da família, fazendo referência na instância doméstica. Os homens possuem obrigações ligadas às atividades produtivas das lavouras principais, ou estão empregados em empresas locais, que garantem outras fontes de renda para família conciliando com a atividade do leite.

A primeira característica pertinente as propriedades é o regime de trabalho produtivo no sistema individual, ou seja, o mesmo é heterogêneo entre as famílias. Os meios de exploração da terra se diferem entre o trabalho familiar, trabalho coletivo em áreas comuns com parentes, ou arrendamento do lote. Seguindo as variações no sistema produtivo, com adesão tecnologias, ou com alternativas rústicas de produção. E as famílias que se distinguem quanto ao desenvolvimento somente de atividades agrícolas e aqueles que dividem o empenho laboral em atividades agrícolas e não-agrícolas.

A segunda característica que atraiu a atenção na pesquisa foi modernização no campo ter alterado as relações entre os grupos de produtores, em consequência modificou a dinâmica das famílias agricultoras (relações de gênero). Porque no sistema de produção havia um papel relativamente definido para cada membro da família. No caso do leite se percebe uma inversão de função entre mulheres e homens, em que uma atividade primariamente do sexo feminino tem sido assumida pelo sexo masculino no assentamento. Enquanto, as atividades diversas que engloba plantio temporário de grandes culturas se enquadram nas monoculturas consideradas dedicação exclusiva para os homens, com ajuda esporádica das mulheres.

Como o lote representou na pesquisa a maior conquista para a família, todos se unem nas atividades agrícolas para continuar a viver no espaço rural. Das atividades agrícolas desenvolvidas no lote, relaciona-as como: a produção animal se distingue entre leite *in natura*, queijo, ovos e carne de frango, tendo seu destino final para auto consumo, comercializada na feira da comunidade ou direto ao consumidor. A produção vegetal está ligada a hortaliças, vegetais, frutas e feijão, em a maior parte é destinada a consumo próprio das famílias ofertam esta produção para feira, consumidor direto, segue para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e a padaria da comunidade.

Os produtos processados são pouco comercializados em razão da pequena escala, sendo assim, as famílias destinam a queijo, manteiga, açúcar mascavo, melado ao auto consumo, e vendem para a panificadora comunitária do assentamento. Desse modo, a comercialização da produção agrícola do assentamento tem sido destinada a comercialização da feira ou diretamente ao consumidor.

Contudo, o fato de somar atividades agrícolas com alguma atividade não-agrícola, para Brumer; Anjos (2008) favorecem as perspectivas das famílias de aumentar a renda, a qualidade e quantidade nutricional dos alimentos, tendo consequentes melhoras na sua qualidade de vida. Além disso, se torna uma ferramenta que contribui para controlar os resultados econômicos da venda de mão de obra humana. Do mesmo modo, Schneider (2003) determina que os resultados referentes a esta fonte de renda têm função primordial no desenvolvimento rural por induzir transformações no mercado de trabalho.

Entre as atividades comunitárias no Assentamento 8 de Junho destaca-se a panificadora comunitária - toda gerida por mulheres, que conta com uma infraestrutura beneficiadora de produtos desde panifícios a massas. A panificadora decorre da expectativa, ainda na época de acampamento Rio do Leão, por haver a ideia de implementar alguma agroindústria. No qual o objetivo das mulheres se concretizou em realidade no ano de 2005, no momento que se conquistou a estrutura de uma cozinha em anexo ao centro comunitário. Desde o projeto inicial, a prioridade da agroindústria era panifícios e doce de frutas tipo geléia<sup>6</sup>, que hoje tem destino a merenda escolar - PAA, a venda direto ao consumidor, e feira do agricultor municipal. As atividades durante o processamento são desenvolvidas por todas as mulheres do grupo (não há divisão de função).

Diante das informações repassadas pelas entrevistadas, vale ressaltar que o trabalho na panificadora comunitária é uma atividade desenvolvida um; dois e até três dias por semana. Neste caso, a mulher em particular envolvida nesta atividade não está isenta das tarefas domésticas, segue uma rotina de dupla ou tripla jornada de trabalho, entre cuidar da casa, trabalhar na propriedade e servir atividade no quintal. No período

---

<sup>6</sup> Os doces de frutas do tipo geléias, considerado um alimento preparado artesanalmente (neste caso) à base de frutas ou verduras.

que fica fora da propriedade é muito difícil que outro membro da família a substitua ou assuma suas atividades,

Minha maior dificuldade é lidar com as vacas, quando venho tem que por um no meu lugar pra tira leite. Ah pela casa não importa, na hora que você tá em casa, como eu trabalho um dia sim e um dia não, outro dia eu faço. Que nem na roça agora não vou, não tem mais condições de eu ir, olha mas eu lidava, plantava milho, o milho e feijão esse é com máquina. A mandioca, batata doce, amendoim é tudo na mão, mas agora não ta mais me sobrando tempo, eles lá que fazem meu marido e meu vizinho, que preparam a terra, plantam pra mim, que colhem, porque não dá tempo deu ir né (M. 07, entrevista 2010).

Como se observou nos depoimentos das mulheres, elas não deixaram de serem essenciais para as tarefas da casa. As evidências apontam que atividades agrícolas e não-agrícolas se complementam, porque o exercício da agricultura permanece como prioridade nas propriedades rurais das assentadas. Entre aquelas que relataram mudanças por exerceram atividades não-agrícolas, perceberam que: “[...] *Diminuiu minha participação na propriedade, por isso deixei de fazer algumas atividades, por exemplo reduziu minha ajuda no tirar leite*” (M. 1, entrevista 2010).

A expressão autonomia parece ser mais evidente no decorrer dos depoimentos das assentadas, comprovado pelos novos espaços ao migrarem aos poucos da esfera privada para a pública. Esse espaço oportunizou habilidades consideradas inferiores, que contribuíram para reduzir as funções apenas designadas às mulheres. Mesmo assim, o valor dado ao desempenho não-agrícola pela assentada é como atividade complementar,

Eu acho que complementar, por causa que eu trabalho duas vezes por semana, não dá mais não tem como trabalha mais de dois dias, mas acho que ajuda por causa que de bem o dinheiro do leite, tem o dinheiro dele, mas acho [...] (M. 06, entrevista 2010).

Ao mesmo tempo, a atividade não-agrícola é realizada pelas mulheres alguns dias da semana, porque sua presença é necessária para realização de atividades agrícolas pelo pequeno número de mão de obra na propriedade, e essas condições não favorecem contratar trabalhadores para exercer a função dela. Nas atividades agrícolas exercidas pelas mulheres o conjunto das famílias são as maiores beneficiadoras. Isto também foi verificado no trabalho realizado por Ellis; Biggs (2001), em que as mulheres são fundamentais no desenvolvimento rural.

Com relação aos homens se percebeu que desenvolvem atividades não-agrícolas como empregados. Sendo uma carga horária contínua durante a semana, por isso sua função voltada às principais lavouras na propriedade é repassada a mulher, a outro membro da família, ou algum empregado, ou quando a sua atividade não-agrícola pode ser conciliada com a propriedade não impede-o que permaneça seguindo suas funções cotidianas na propriedade.

#### **5.4 Família, propriedade rural e divisão sexual de trabalho**

No período de acampamento não havia preocupação em cuidar uma casa, era difícil desempenhar algumas funções domésticas. De acordo com informações das assentadas, a partir da conquista do lote, esse tipo de atividade se volta para elas, porque os homens têm obrigação de assumir as responsabilidades com relação à manutenção e produção da lavoura, ou atender as necessidades básicas da família. Segundo De Grandi (1999), esta situação ocorre dada a ênfase ao papel de mãe e esposa, cujas funções são realizadas no sentido de zelar pelo bem estar da família, reconhecidas como atividades naturais e sem obrigação de retorno financeiro.

Essa realidade permanece nos dias atuais no Assentamento 8 de Junho, a mulher se envolve com a casa/quintal, cabendo-lhes a responsabilidade de atividades ligada a casa e suas extensões: o terreiro, a horta e a criação de pequenos animais. Ao homem se destina o roçado, mesmo que exija o esforço da família para plantio, cultivo e colheita ainda esse espaço é considerado do sexo masculino.

Cabral (2003) identifica o trabalho no campo não apenas como atividade do sexo masculino. Só que, muitas funções desempenhadas pela mulher não recebem devido reconhecimento familiar ou da comunidade, isto não significa que essas diferenças tornem a mulher inferior ao homem.

Para desmistificar essa realidade e justificar a divisão de tarefas, as assentadas têm buscado a solução no exercício das atividades não-agrícolas, porém está enfrentado o desafio de conciliar a jornada doméstica com outra atividade. Ao relatar sobre desafios enfrentados para trabalhar, conciliar ou realizar suas atividades fora da propriedade a entrevistada identifica que existem problemas relativos à ausência e falta de ajuda em tarefas em casa, deste modo,

É bastante complicado porque eles não aceitam que eu trabalhe fora, daí meu marido é daqueles bem do tipo antigamente que não aceita, ainda assim também não desconcorda muito. Sabe que eu bato pé, e eu vou mesmo. Mas o serviço eu faço que nem os dias que venho trabalha deixo serviço meio encaminhado o resto eles fazem o almoço, só que sempre tem o dedo da mulher [...] ó hoje faz isso [...] faz aquilo [...] tem que fazer aquilo outro lá [...] (M. 10, entrevista 2010).

Isto é uma variável na pesquisa que demonstra com maior proeminência as mulheres responsáveis em cumprir os afazeres do lar, a ausência de ajuda ou auxiliares, tendo que se desdobrar na dupla jornada de trabalho, havendo pouca colaboração dos parceiros, ou em alguns casos podendo contar com ajuda dos filhos nos afazeres domésticos. Decorrente disso, um número pequeno de mulheres do assentamento se propõem à trabalhar na atividade da comunidade.

Do mesmo modo, Boni (2005) diz que ao analisar o tempo dedicado a jornada doméstica se torna um fator de interferência na decisão da mulher exercer atividades não-agrícolas, pois cabe a elas compatibilizar as necessidades básicas da família com atividades geradoras da autonomia e reconhecimento pessoal. A tarefa do lar se torna um obstáculo adaptar seu tempo com atividade remunerada, com o trabalho da propriedade, atender as necessidades dos filhos e ainda ter tempo dedicado ao seu descanso.

Mediante informações *in loco* fica evidente que a maior parte do tempo da mulher é gasto com atividades domésticas, e divididas com atividades agrícolas. A maioria de mulheres que exerce alguma função na atividade não-agrícola exigiu que houvesse organização do tempo para realizá-la e conciliar com trabalho na propriedade rural, adaptando sua vida a essa dupla ou tripla jornada diária. Ou ajustando a realidade,

Nós dividimo as tarefas, a partir que todo mundo faz, todo mundo colabora em casa também, mudou bastante isso também, a divisão das atividades [...] eu sempre digo onde está escrito, quem inventou isso? foi o homem que inventou, não foi a mulher, a partir de ai que as mulher saem trabalha isso muda, muda bastante, tem algumas que sofrem ainda tem que se virar em dobro né (M. 11, entrevista 2010).

As transformações e demandas destinadas a divisão do trabalho sob as práticas produtivas exclusivas das mulheres assumem contornos próprios. Por isso, a organização do trabalho na unidade doméstica, que sempre destinado a um único

membro se submete a generalização a toda família. Quando foram perguntadas sobre as funções em que foram substituídas ou auxiliadas em casa se obteve como resposta: a não contribuição nos afazeres, aquelas que responderam foram auxiliadas nas atividades de realizar almoço, e substituídas nos afazeres simples da casa, como organização e fazer compras.

As mulheres assentadas aparecem como atores principais de uma luta travada no seu cotidiano, delineado na conquista do empoderamento em relação ao seu cônjuge e familiares. Para assim, tentar desmistificar a figura apenas de mãe, esposa e do lar dedicada à rotina diária das tarefas domésticas e atividades da propriedade.

Pela ligação próxima das atividades na propriedade rural com a atividade não-agrícola, na pesquisa se percebeu que atividade não-agrícola tende representar extensão do que se realizam nas atividades domésticas. Por isso, muitas das entrevistadas não souberam distinguir se a atividade não-agrícola é função principal ou complementar. As mulheres que se consideraram agricultoras são aquelas com conhecimento, formação ou estão a par da mobilização do movimento para o reconhecimento pela igualdade dos sexos e contribuição produtiva, mas aquelas que se reconheceram na função do lar por ser a principal exercício e sua identificação com o ambiente.

Há uma distribuição desigual quanto aos bens, e também quanto aos benefícios destinados as assentadas, por mais que sejam conquistas da comunidade rural, sendo interpretados como benefícios familiares. Pois, não existe um exame detalhado sobre quem usufrui em maior quantidade das medidas que beneficiam as famílias e a comunidade. Um exemplo clássico são os cursos e formas de aperfeiçoamento destinado às mulheres e homens no Assentamento 8 de Junho.

Os cursos de aperfeiçoamento desenvolvidos por mulheres são de panificação, artesanato, culinária, agroecologia, aproveitamento de lácteos, pastoral da Terra, formação e qualificação em educação e Economia Solidária, para os homens os cursos são voltados para a política. Em resumo, a partir da participação dos cursos entre mulheres e homens assentados se confirma a sustentação da divisão sexual na qualificação profissional, pois funciona como disse uma entrevistada “[...] *conforme cabe a cada um [...]*” (M. 6, entrevistada 2010). No entanto, as mulheres são as participantes mais frequentes em cursos de aperfeiçoamento por estarem no dia-a-dia e

em função da comunidade; seu trabalho ser mais flexível e por ser essencial a função que desempenha nas atividades não-agrícolas. Mas, a maioria dos cursos são da área de educação e saúde, porque são responsáveis por atender necessidades dos seres humanos considerado pela sociedade em geral como funções delas.

Mediante a troca de informações proveniente da preocupação com a formação das assentadas e dos assentados, a implantação e prestação de serviços (atividades não-agrícolas) se tornam essenciais ao funcionamento do assentamento e tende ser um meio influenciador para o processo de participação política.

## **6. CONCLUSÃO**

Pelo fato do período de acampamento representar forte tensão e *stress* para todo o grupo que estava à frente de um projeto de vida. Era um momento de alerta na vida destas famílias, em que mulheres e homens exerceram as atividades de forma mais igualitárias, pois suas funções se mostravam embaralhadas, e todos os recursos sociais e políticos estavam mobilizados e plenamente ativos. Entretanto, quando ocorre a instalação do assentamento, as funções passam a se organizar segundo as tradições patriarcais, e principalmente as atividades do lar voltam a seguir a rotina do período anterior do acampamento. A pesquisa enfatiza como as experiências vividas no acampamento não foram totalmente desconsideradas no assentamento, de tal ordem que as relações de gênero geraram questionamento quanto aos papéis que devem ser assumidos tanto na esfera produtiva quando reprodutiva, e nos espaços públicos e privados.

Isto tudo advêm das formas de produtividade agrícola, e também das possibilidades geradas pela atividade não-agrícola desempenhada apenas por mulheres no assentamento. Enquanto, a maioria dos homens se encarrega da manutenção do lote com o roçado, em alguns casos, o homem divide essa função com as atividades não-agrícolas fora do assentamento. O que foi considerado na pesquisa o ponto crucial para a mulher contribuir no planejamento e na tomada de decisão da propriedade, porém a divergência entre ambos permanece na administração do recurso financeiro.

Por meio dos relatos das mulheres foi possível observar o orgulho de participar de um dos movimentos populares, bem como da organização voltada à coletividade, que se atribui melhores condições e oportunidades conquistadas na enquanto assentadas. No entanto, o Assentamento 8 de Junho é alvo de discrepante conduta vertical por parte de seus dirigentes, o que pode estar impedindo todos os assentados de fazerem parte das estratégias de desenvolvimento rural.

Dessa forma, pela literatura e pesquisa de campo pertinente chamar atenção do espaço do assentamento de sem terra ser uma “caixa de surpresas”, quando existe a possibilidade de ser explorado, porque nunca se sabe o que vai encontrar e as realidades muitas vezes diversas.

## 7. REFERENCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Desenvolvimento Rural Territorial e Capital Social. In: **Planejamento do Desenvolvimento dos Territórios Rurais – Conceitos, controvérsias e experiências**. Brasília: UFPB/CIRAD/EMBRAPA, 2002. p.113-128.

BONI, Valdete. **Produtivo ou Reprodutivo: O trabalho das mulheres nas agroindústrias familiares - um estudo na região oeste de Santa Catarina**. 2005, 99f. Dissertação (Mestrado de Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BRUMER, Anita; ANJOS, Gabriele dos. Relações de gênero em Assentamentos: a noção de empoderamento em questão. In: Adriana Lopes; Andrea Butto Zarzar (Org.) **Mulheres na Reforma Agrária a experiência recente no Brasil**. Brasília: MDA, 2008. Cap.7, p.217-240.

CABRAL, Gilda. Este negócio de gênero... sei não! In: Setor de gênero – MST (Org.) **Construindo novas relações de gênero: desafiando relações de poder**. São Paulo: ANCA, 2003. Cap.4, p.51-56.

CARNEIRO, Maria José. Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 2, p.11-22. jun/ 1994.

DE GRANDI, Alessandra B. **Relações de Gênero nas Famílias Agricultoras Associadas a Mini-Usinas de Leite: no Estado de Santa Catarina**. 1999. 99 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

ELLIS, Frank. Household strategies and rural livelihood diversification. **Journal of Development Studies**, v.35, n.1, p.1-38, Oct/1999.

ELLIS, Frank; BIGGS, Stephen. Evolving themes in rural development 1950s-2000s. **Development Policy Review**, v.19, n.4, p. 437-448, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST (1979 –1999)**. 1999, 318f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MAGALHÃES, Reginaldo Sales. A “masculinização” da produção de leite. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, v.47, n.1, p.275-300, jan/mar. 2009.

MARTINEZ, Rossana Vitelli. **Capital social, participação e cidadania no meio rural: uma perspectiva de gênero**. 2010, 290f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Souza. **Mulheres na liderança, relações de gênero e empoderamento em assentamentos de Reforma Agrária: o caso do Saco do Rio Preto em Minas Gerais**. 2006, 134f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2006.

PAULILO, Maria Ignez S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, n.12, v.1, p.229-251, jan/abr. 2004.

SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.